



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 C.
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

ATALEIA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A scisão libertadora

A scisão é imposta pelos factos, nos partidos socialistas de todos os países. A atitude do bolchevismo, as XXI condições da Internacional Comunista de Moscú, são simples factores ocasionais desta scisão, porque está muito mais profundamente condicionada nos cérebros humanos. A scisão, é, na verdade, o resultado do extremo desenvolvimento do Socialismo durante a guerra.

Desde Março de 1916 que, numa das muitas conferências na Universidade de Londres, eu venho afirmando a existência dum scisão dos partidos socialistas que deveria terminar por uma scisão da guerra, dando-se a separação entre os elementos mais avançados e os elementos mais moderados (veja-se o Capítulo VII das *Lições da Guerra Mundial*).

O fenómeno mostra-se hoje como inevitável aos olhos de todos. Foi nefastamente retardado, sob o ponto de vista do poderio socialista, pela sentimentalidade humana, durante dois e talvez três anos. A scisão, com efeito, teria sido benéfica, em França, como o foi na Alemanha quando sobreveio em 1916, se tivesse ocorrido durante o último ano da guerra.

As causas da scisão

O rejuvenescimento da humanidade é um dos factores desta inevitável scisão. Com efeito a mocidade é sempre ardente, por causa do seu excesso de vitalidade e por isso toda a sua energia tende para uma transformação social rápida, violenta. A idade madura, pelo contrário, baseando-se na sua experiência — muitas vezes falhada, por deficientemente elucidada em causas e efeitos — tende a reprimir a rapidez e a violência das mutações sociais. A extensão das ideias socialistas nas massas humanas, consequência fatal da guerra, como o afirmou em Londres, é uma das causas desta scisão. Toda a colectividade que se expande vai englobando homens cujas divergências de modos de ver se acentuam constantemente, donde resulta uma tendência para a ruptura desta colectividade.

Os novos ramos, criam raízes, e desenvolvem-se em troncos independentes. Produz-se uma verdadeira proliferação de partidos socialistas, *índice seguro da vitalidade e força do ideal socialista, como a todos estes partidos scindidos e rescindidos. Encontramo-nos na presença dum simples fenómeno biológico de crescimento por fissiparidade. É um erro vulgar considerar a scisão dos partidos como um enfraquecimento.*

De facto, é absolutamente o contrário que se produz, porque estas scisões são sempre o índice dum aumento entre os humanos do ideal inspirado por estes partidos.

O que é a unidade

Afirmar a existência da unidade dum partido político ou filosófico-religioso é afirmar que todos os membros tem unidade de visões, de opiniões, de conceitos sobre todos os princípios e maneiras de actuar determinantes do partido.

Ora, isto só se pode dar quando o partido contém um reduzido número de membros. Quanto mais este cresce em número, maiores são as divergências de opinião entre os seus membros. Isto é evidente. A unidade deixa de ser uma força e transforma-se numa fraqueza, e só se mantém por meio de compromissos e por atenuações das opiniões e nos actos. Isto dá-se forçosamente em todos os partidos compostos por homens com tendências democráticas, isto é, que se julgam com o direito de tomar parte na direcção geral do partido. A reduzida acção dos partidos socialistas de França, de Itália, do Labour Party na Gran-Bretanha, durante a guerra mundial, explica-se em parte por este permanente fenómeno sociológico. O facto é sobretudo visível no P. S. de França, cuja unidade estava bem estabelecida.

A unidade é um poder real somente nos partidos de estrutura autocrática, anti-democrática, centralizada e centralizadora. Isto se compreende facilmente quando se observa que neste caso pouco importam os modos de ver e as opiniões dos membros dos partidos, visto que o seu único fim é a obediência e o impulso que parte do centro. É o caso da Igreja Católica Romana. E aliada assim, a unidade só se mantém à custa da maleabilidade dos governantes locais, que procuram adaptar os seus modos e os seus princípios de governo à natureza dos governados.

Uma das bases do socialismo ocidental, é o democratismo, o libertarismo. Nestes partidos, portanto, a unidade é uma fraqueza, desde que aumenta o número dos seus membros. Foi um erro sentimental, da parte dos «leaders» do P. S. francês, querer manter esta unidade através de todas as causas de dissociação que a guerra fazia nascer. A maioria receava tocar na obra unitária de Jaurès, para eles sacrosanta. E neste ponto, enganam-se transformando em obra a Unidade por respeito ao grande génio de Jaurès.

Jaurès fez a unidade — e creio que teve razão — numa determinada época e em determinadas condições. Sendo outra a época, eram outras as condições. Nada indicava que Jaurès não quizesse a destruição da unidade, para melhor servir a sua obra, que com o tempo não era a unidade, mas sim a realização do Socialismo. Para ele, a unidade era um simples meio, uma arma. No dia em que esta arma nos aparece como inadequada ao fim que se tem em vista, é como fôr de uso, é forçoso que ponhamos de parte este meio e esta arma. As condições que a guerra criou mostraram esta inadequação e isto desuso.

Mas, os «leaders» não se aperceberam, e ficticiamente mantiveram a unidade por meio das famosas moções «nem carne, nem peixe». O partido começou a vegetar, crescendo apesar de tudo, sob a pressão das circunstâncias.

O entretanto, o desenvolvimento dos partidos era inferior ao desenvolvimento do ideal socialista entre as massas. Na extrema direita e na extrema esquerda, a multidão ficava de fora, repelida pelas tendências ou em demasia moderadas ou em demasia avançadas do partido único. Se o partido se tivesse scindido em duas ou três facções, os neófitos teriam encontrado facilmente a facção a que se gregassem. E então, o conjunto de duas ou três facções teria bem mostrado uma força maior que a do Partido inicial, não só em número, mas também em poder individual de cada grupo, como resultante dumha solidariedade robusta a ligar os aderentes em cada grupamento.

É em vez de disputas no seio de cada grupo, não dividido já por maneiras de ver divergentes: a consciência dum fim comum e vistas comuns sobre as vias e meios para a sua realização. A consequência seria uma «concentração de esforços para se conseguir o fim, pelos meios em questão». A própria liberdade dos agrupamentos desviaria os grupos e os indivíduos da tendência a combater os grupos vizinhos e irmãos. No fim dalgum tempo, após a libertação pela scisão, as facções nascidas do partido inicial viveriam em paz e não como grupos inimigos. A luta contra o inimigo comum, a sociedade capitalista e burguesa, a isso os forçaria, e, pela força dos acontecimentos, seriam conduzidos à união.

NOTAS & COMENTÁRIOS

O Congresso Nacional

do Partido Socialista Francês deve proximamente iniciar em Tours os seus trabalhos. Comparecerá nele, representando a Internacional Comunista de Moscú, a conhecida e esforçada propagandista Clara Zetkin, que acaba de enviar para França a seguinte carta, datada de Berlim:

«Presados camaradas e amigos. — Tenho o prazer de informar-vos que a comissão executiva da Internacional Comunista de Moscú me deu a honra de encarregar-me da sua representação no Congresso do Partido Socialista de França. É claro que farei todo o possível para desempenhar o mandato que me permitiu me confiar. Procurarei pois obter um passaporte que me permita ir a França. Estou inteiramente convencida de que o governo do sr. Millerand, ex-socialista, dará provas da mesma inteligência política demonstrada já pelo governo do sr. Ebert, ex-socialista democrata, que permitiu a entrada no congresso dos socialistas independentes em Halle, não só as camaradas Longuet, porta-voz dos centristas do movimento operário, mas também as camaradas Zinovieff, representante do bolchevismo e porta-estandarte da ditadura do proletariado russo. Parece-me que se não deve atender apenas à herança de Guilherme II; deve atender-se também à da grande revolução francesa. Todavia, quer me proibam ou permitam a entrada em França, estou convencida de que os operários franceses, descendentes dos gloriosos insurrectos de Junho de 1848 e dos heróicos comunistas de Março de 1871, cumprirão o seu dever. Aguardo-vos em torno do pendão vermelho que os nossos irmãos da Rússia levantaram à frente dos explorados e dos oprimidos de todos os países; e aderirão à Internacional da acção revolucionária. Saudações comunistas e cordiais. — Clara Zetkin.

Em Florença realizou-se, no mês passado, uma conferência comunista. Tomaram parte nela 60 deputados, o que — caso extraordinário — não impediu que as sessões decorressem com absoluta serenidade. Tratou-se da maneira de manter a unidade do Partido. O deputado Serrati defendeu calorosamente uma tese em que se aconselhava a adesão à III Internacional e a aceitação — embora com algumas restrições — dos famosos 21 pontos. As condições impostas por Moscú são um tanto duras. Mas tudo indica que os italianos se sentem com ganas de rotá-las.

Realizou-se, no mês passado, uma conferência comunista. Tomaram parte nela 60 deputados, o que — caso extraordinário — não impediu que as sessões decorressem com absoluta serenidade. Tratou-se da maneira de manter a unidade do Partido. O deputado Serrati defendeu calorosamente uma tese em que se aconselhava a adesão à III Internacional e a aceitação — embora com algumas restrições — dos famosos 21 pontos. As condições impostas por Moscú são um tanto duras. Mas tudo indica que os italianos se sentem com ganas de rotá-las.

A continuidade da submissão sem limites e sem tréguas acaba por quebrar toda a energia moral, por embutece o homem num servilismo canino. — Ch. Létourneau.

AMANHÃ:
4 páginas

A arte e os artistas

Frederico Aires na Bobone

Frederico Aires não é um grande pintor. Não o usariam nunca afirmar que o artista que actualmente expõe na Bobone, seja um génio. Diremos simplesmente que visitamos ontem a sua exposição e não ficamos irritados, o que é raro. Frederico Aires não sai dos assuntos e técnicas usuais. Resente-se de Carlos Reis, que, não sendo um pintor de processos antigos, não tende também para qualquer dos desvios modernos esboçados lá fora e timidamente imitados em Portugal. Frederico Aires é um pintor que, no entanto, nos dá trabalhos agradáveis.

A sua exposição na Bobone vale alguma coisa. Quem nos dá poder terido o mesmo das aquarelas expostas na Sociedade de Belas-Artes. O sr. Aires dedicou especial atenção às suas velhas, que nas cidades e vilas antigas de Portugal têm características suas. Os seus quadros *Canto do Macaco*, *Rua do Quebra Costas*, *A minha rua*, *Duas ruas de Teixoso*, representam um curioso conjunto. Os efeitos de luz são bem aproveitados, as perspectivas bem indicadas, a técnica larga e simples. Entretanto, preferimos as suas paisagens largas, panorâmicas algumas, de verdes frescos e montanhas azuladas. Antes da chuva é um quadro agradável, bem executado, pintado de um ponto de vista, o pormenor da do com largueza. É talvez a melhor tela da exposição, a despeito do seu escasso tamanho. Tarde tem frescura, técnica e longos sentimentais; no entanto, preferíamos a tela *Antes da chuva*. *Caminho da serra* é quadro que se mantém à altura dos dois anteriores.

Frederico Aires produz regularmente. As suas telas equivaleriam-se em valor. Não se vê na sua obra o óptimo nem o péssimo: vê-se o bom ou o mau. Sendo o génio uma raridade, uma excepção, Frederico Aires deve sentir-se satisfeito em ser um talento médio. Esta qualidade vale muito, em Portugal principalmente, onde os imbecis se classificam a si próprios de talentos para cima.

M. D.

DEBATE DE OPINIÕES

O SINDICALISMO APTO A GOVERNAR

¿Porque não faz a sua revolução?

É verdade, eu constato a insuficiência de preparação moral, intelectual e técnica do operariado. E entretanto, porque afirmo que o sindicalismo está apto a governar?

O sindicalismo é um sistema social que assenta na base técnica, profissional, da saúde pública, da agricultura, etc., porque temos as federações dos professores, de saúde, de agricultura. «Está muito bem, dirão, mas não vemos que os médicos, os técnicos agrícolas, os professores universitários, os engenheiros, etc., estejam cá no movimento sindical.» É preciso fazer uma insistente propaganda de atracção para com os técnicos de diversos ramos do saber humano, e não devemos dispensar-nos, nunca, dos seus conselhos de competência, não devemos também alimentar a ilusão de que os vejamos acorrer aos sindicatos operários. Os técnicos, na sua maior parte, têm ainda muitos interesses ligados ao regime existente.

Os que simpatizam com as nossas ideias, fazem-no por sentimento ou observação, conforme, e raramente por necessidade material, que é o aguilhão que nos move a nós outros assalariados miseráveis de qualquer profissão. Não há, pois, talvez, conveniência de maior em arrastá-los à actividade sindical. Temos maneira diversa de estabelecer contacto com eles e estabelecer relações amigáveis, as mais amistosas possíveis. Por exemplo: a Federação dos Ferrovieiros de Portugal deseja provar as vantagens da concentração dos serviços ferroviários portugueses do continente numa só empresa, e saber quais os melhoramentos técnicos a introduzir nesses serviços. É então o que faz? Dirige-se à Associação dos Engenheiros Civis e formula o seu questionário, convida a que aquela associação de técnicos não deixará de corresponder com gentileza. Trata-se de consultas meramente técnicas. Não se lhe pergunta, é claro, se o regime de socialização é pior ou melhor do que o existente. E assim, sem hostilizar os técnicos, sem exigir-lhes sacrifícios, iremos a um tempo acumulando saber e estabelecendo relações que seremos nós amanhã altamente proveitosas.

— Mas, dirão ainda, e amanhã não manifestarão a sua hostilidade ao novo regime? Porquê? Porventura a por dilatar o operário vamos apoucar e desconsiderar o engenheiro? Se nos entendemos contra toda a lógica, toda a justiça, e toda a conveniência, própria e colectiva, que o engenheiro deveria ocupar o lugar de servente na fábrica e o simples operário é que deveria pertencer à comissão técnica do sindicato, tínhamos derruido pela base todo o nosso sistema social.

Proclamemos bem alto esta máxima que deve nortear as nossas acções: «Os sindicalistas militantes e doutrinários, bem como todos os outros socialistas, não queremos exercer as funções de direcção técnica no futuro dos sindicatos, reclamando sim, e é essa a garantia do nosso triunfo, as funções de direcção política. Não suba o sapateiro além da chinelada.

Nas condições expostas não podem os técnicos recusar-nos o auxílio indispensável da sua competência. Poderemos contar com eles. E porque todos os serviços de técnica passam a ser dirigidos por técnicos não devemos ter receio da incapacidade de direcção dos sindicatos. E as funções políticas? É simples. Estas ficarão naturalmente muito restringidas. Vejamos quais são os serviços de natureza política adstritos ao poder central (Confederação Geral do Trabalho):

a) Relações exteriores.
b) Segurança pública.
c) Economia e finanças.

Tudo o elenco ministerial da República Socialista Portuguesa se reduz a três delegados, nomeados pelo Conselho Confederal da C. G. T., com o mandato revogável, e sujeitados à sanção do referido conselho todas as medidas a promulgar. Isto é um pouco diferente do que dissemos em *A ditadura do proletariado*. Trata-se dumha correcção e não dumha contradição. É que as nossas ideias vão dia a dia precisando-se melhor, clarificando-se pela feitura do raciocínio, da observação e do estudo.

Consideremos ainda: as relações interiores, num regime de descentralização, ficam asseguradas pelo secretário geral da C. G. T., em correspondência com os secretários das locais. Os serviços da guerra, marinha e polícia, confiados a directores técnicos, ficam subordinados ao delegado da segurança pública. Os serviços diplomáticos, consulares, coloniais, importação para consumo e exportação, que estejam fora das atribuições das federações de indústria, ficam a cargo de directores especiais subordinados ao delegado das relações exteriores. Os serviços de finanças, contribuições, impostos, contabilidade, crédito, etc., a cargo de directores especializados, e os serviços de economia geral sob a consulta dum conselho de delegados técnicos das federações de indústria, ficam subordinados ao delegado de economia e finanças.

E assim por diante. A diferença essencial, sob o aspecto administrativo, entre regime burguês e regime sindicalista é a selecção da competência técnica, sobrepondo-se aos efeitos contingentes do sufrágio. De facto, nós não poderemos dispensar os srs. Lisboa de Lima e Ernesto de Vilhena, por exemplo, como directores técnicos de serviços coloniais. Também lhes não vamos

pedir que façam socialismo que isso não o delegamos nós que o façam outros. A nossa intervenção, a dos sindicalistas ou socialistas exercendo funções políticas, nos serviços técnicos a cargo de directores especializados é de simples controle.

Depois disto que acabamos de dizer zpodem ainda subsistir dúvidas sobre a aptidão do sindicalismo para governar? Eu não as tenho. Outro tanto não podem afirmar as outras escolas socialistas, pois elas, teoricamente, pelo menos, fazem prevalecer a importância do factor político sobre o factor técnico.

E, entretanto, o sindicalismo em Portugal, está impossibilitado de fazer a sua revolução. Não devemos alimentar ilusões a este respeito. Façam-me a justiça de me considerar capaz de defender a tiro numa barricada a minha causa. Não tenho nada que me prenda à vida, nem família, nem ambições. Eu posso bem afrontar a morte, mas temo imenso o ridículo, sei a responsabilidade que impende sobre todos nós se arrastarmos a multidão a um acto de que não previmos todas as consequências.

¿Porque não fazemos a nossa revolução? 1.º Porque Portugal é um país pequenissimo que nada influe na situação internacional, quer pelo seu valor militar, quer económico, quer intelectual, quer social, valores que são nulos. O triunfo da nossa revolução será em Portugal um caso de acção reflexa.

2.º Porque, ainda que não existisse a possibilidade, no caso dum triunfo isolado da nossa revolução, da intervenção armada de países como a Espanha e a Inglaterra, da primeira, sobretudo, que não faria mais do que defender-se dum perigo imediato, nós nunca poderíamos assumir a responsabilidade de lançar a revolução.

Vejamos se é possível precisar bem, de maneira que, ninguém fique dúbida, a verdade desta afirmação. O isolamento económico do país é um dilema fatal a que não podemos fugir, quer no caso dum revolução nacional, quer no caso dumha acção reflexa da revolução internacional.

A revolução, com a natureza daquela que pretendemos fazer virar, é em si mesma uma causa de desorganização momentânea dos serviços de produção e distribuição. O fundamento actual destes dois sistemas — o lucro dos detentores dos meios de produção e distribuidores — desloca-se e cancela-se depois dumha direcção — o interesse colectivo. A mudança, a substituição, será tanto mais rápida quanto maior for o nosso convencimento das novas bases em que deve assentar o funcionamento da nova ordem de coisas. Se nos guiamos por aqueles que não querem programas e que julgam que tudo está feito, não faltará hesitações, movimentos desconcertados e contradições, saltos e recuos, a barafunda extrema. É preciso saber-se de antemão o que vamos fazer para que ninguém vacile.

No caso dumha revolução nacional, é fantástica contar com os abastecimentos dos mercados externos, ou das colónias que não podemos garantir qual seja a sua atitude. Devemos prever o mais lógico, isto é, que os outros mostrem a mesma energia em defender-se que nós mostramos em atacar.

No caso dumha revolução internacional, não podemos contar com os países em estado revolucionário que lutarão do mesmo modo que nós com a desorganização momentânea dos serviços de produção e distribuição.

O espectro sinistro da nossa revolução é sabermos que não poderemos contar se não com os nossos recursos de míngua capacidade. É aqui que está o óbice invencível a toda a tentativa de revolução nacional e que só o excesso de entusiasmo, a falta de visão das circunstâncias especiais do país, a incerteza, digamos, podem defender e determinar. É perigoso lançar uma revolução, como a que nós outros defendemos, quando não há mais outro e mais conforto para tapar todas as bocas. Porque é isso, a abundância, que todos os famintos esperam da revolução.

É inútil dar pressa à nossa revolução. Se algum supõe que ela está distante, imposta pela acção reflexa do movimento socialista internacional determinado pelas circunstâncias excepcionais que a guerra criou, esse alguém não sou eu. Para mim é matemático que ela virá a tempo de todos nós poderemos prestar-lhe o sacrifício do nosso esforço, da nossa inteligência, da nossa dedicação.

Não é preciso dar pressa à nossa revolução, mas é indispensável que desde já, sem perda dum instante, cremos as condições de ambiente favoráveis ao seu desenvolvimento.

J. Carlos RATES.

A sindicância nos T. M. G.

Recebemos da Arcada a seguinte informação:

«Pelo ministério do comércio foi oficiado à comissão de sindicância aos transportes marítimos do Estado, esclarecendo que a sua acção se deve limitar aos actos do sr. Esteves Pimental como vogal do conselho de administração da Marinha Mercante Nacional. O esclarecimento foi motivado pelo facto da comissão ter oficiado ao sr. ministro do comércio, fazendo reparos por não lhe terem sido fornecidos determinados elementos que julgava indispensáveis para o desempenho da sua missão.»

De terras de Africa

Uma reunião do Centro Socialista Revolucionário

É constituída uma Comissão Pró-Prêso por Questões Sociais e resolvida a criação do Sindicato Único das Classes Trabalhadoras

LOURENÇO MARQUES, 13 de Novembro

Como anunciei na minha última correspondência, realizou-se, em 10 de Novembro, na sede do Centro Socialista Revolucionário, uma sessão magna das classes trabalhadoras desta cidade, que, mau grado a pouca propaganda feita, resultou de regular concorrência e animador entusiasmo.

Como base de discussão foram presentes à assembleia as duas seguintes moções e telegrama:

Primeira moção

O operariado de Lourenço Marques, reunido em sessão magna: Considerando que são decorridos dois meses sobre a eclosão da greve ferroviária e que nada justifica as medidas coercivas ainda em vigor sobre os ferroviários; Considerando que, antes da greve, como medida preventiva, foram presos vinte e cinco ferroviários, e que não se pode estar preso mais de oito dias sem culpa formada, determinando a Constituição da República que no acto da prisão, se esta resultar negativa, devem os presos suspeitos ser postos em liberdade;

Considerando que os vinte e cinco operários presos não foram submetidos a juízo nem inquiridos; Considerando que, aos oito dias de prisão sem interrogatório nem culpa formada, foram, em vez de postos em liberdade, deportados vinte e cinco camaradas e presos mais cinco em iguais circunstâncias;

Considerando que nenhuma lei do país, à excepção daquela que criou na Metrópole o Tribunal de Defesa Social permite a deportação, por qualquer delicto;

Considerando que para a deportação por efeito da lei que criou o Tribunal de Defesa Social é imprescindível o julgamento pelo mesmo tribunal, sob processo devidamente formado;

Considerando, finalmente, que, desta forma, são irritos e nulos tais actos do Poder Executivo, que está subordinado às decisões do Poder Judicial.

A assembleia resolve: 1.º Reclamar do sr. governador geral, em conformidade com a lei, o imediato regresso dos deportados. 2.º Constituir uma comissão central de assistência aos presos por questões sociais. 3.º Reclamar telegraficamente do sr. ministro das colónias a libertação de todos os camaradas deportados. — O Centro Socialista Revolucionário

Segunda moção

O operariado de Lourenço Marques reunido em sessão magna, apreciada a criação dos dois tipos de pão, a exigência de 21 e meio por cento pela transferência da moeda escudos ultramarina para a metrópole e o anúncio do aumento do custo das rendas de casa sob uma base de exagerada protecção aos senhoresios.

Resolve: 1.º Reclamar do sr. governador que com a farinha do pão fino ligada à farinha do pão de 2.º se manipule um único tipo de pão; 2.º Reclamar que cesse imediatamente a exigência de 21 e meio por cento como prémio de transferência da moeda escudos ultramarina, por immoral, gananciosa e especuladora; 3.º Reclamar que seja unicamente permitido aos senhoresios um aumento de 50 por cento nas rendas das casas, tomando-se como base o preço das rendas em 1914;

4.º Que na lei que tal permita se introduza um artigo que obrigue insofismavelmente os senhoresios a restituir as

quantias indevida e ilegalmente cobradas sobre as rendas de 1914.

5.º Dar conhecimento desta moção ao sr. governador geral e ao sr. ministro das colónias, alto «comissário» e «agência Havas». — O Centro Socialista Revolucionário.

Telegrama

O operariado de Lourenço Marques reunido em sessão magna, protesta com energia contra as deportações de trinta ferroviários, sem julgamento nem culpa formada, reclamando o seu regresso imediato.

A situação económica é grave devido a má política económica, indo aprovando-se uma lei sobre rendas de casas quintuplicando, pelo menos, os preços. Criados dois tipos de pão de segunda imprópria deste clima e o pão de primeira a quasi dois escudos o quilo, reclamamos providências que impeçam tal selecção de estômagos entre a população.

Reclamamos também, energicamente, que não seja consentido ao Banco Ultramarino exigir 21 e meio por cento de ágio de transferência da sua moeda escudos para Lisboa, o que vem onerar o custo da vida em mais 20 por cento, no artigo metropolitano.

Postos em discussão estes documentos, começou-se pela 1.ª moção, sendo a sua primeira conclusão objecto de vivo combate, manifestando a assembleia a sua repugnância em tratar com o actual governador acerca dos deportados e aprovando-se o seguinte n.º 1.º em substituição daquele:

«1.º Que se reclame telegraficamente da Confederação Geral do Trabalho de Portugal demarches persistentes, junto do Governo Central, em favor dos deportados.»

O n.º 2.º, acerca da constituição dumha Comissão pró-presos por questões sociais, foi aprovado, ficando essa comissão imediatamente constituída.

O n.º 3.º, acerca do telegrama a enviar ao sr. ministro das Colónias, ao Alto Comissário e à Agência Havas, foi aprovado por unanimidade.

Entrando-se na discussão da 2.ª moção, foi discutido o n.º 1.º, declarando um camarada padeiro presente que, estando estragada a farinha do pão de 2.º, a sua mistura com a do pão de 1.º iria estragar esta.

Em face disto resolveu-se substituir o n.º 1.º da 2.ª moção por este: «1.º Que se nomeie uma comissão a fim de entrevistar o sr. Fiscal da Subsistências reclamando-se providências contra o preço do pão em condições de ser consumido, e dar contas, a uma próxima assembleia, da sua resposta sobre o assunto».

António Vieira apresentou em seguida, defendendo-a, uma proposta a fim de se trabalhar desde já pela criação dum sindicato único das classes trabalhadoras, proposta que foi aprovada por aclamação com grande entusiasmo, resolvendo-se confiar da Comissão Pró-Presos os trabalhos nesse sentido e Augusto Veiga apresentou ainda uma proposta para se criar uma coligação voluntária mensal em prol dos deportados, e suas famílias sendo rejeitada por competir à comissão estudar o assunto.

Antes de se encerrar a sessão, que decorreu muito animada e entusiástica, foi aberta uma quete para ocorrer às despesas com os telegramas, cuja redacção definitiva se confiou à comissão, quete que produziu a quantia de Esc. 91850 e L. 1-30.

Para apreciar os resultados destes trabalhos ficou assente nova convocação, para data quanto possível próxima, das classes operárias desta cidade.

O I Congresso Nacional da Indústria do Mobiliário

Vai crear a Federação Nacional da Indústria Mobiliária

O II Congresso Nacional Operário, marcou, pela sua grandeza, uma nova fase na organização operária.

Essa fase foi incontestavelmente tomada pela organização mobiliária que, depois daquela manifestação, tem procurado fortalecer-se, não se poupando a sacrifícios.

Depois da constituição dos seus sindicatos únicos em Lisboa, Porto e Coimbra, que pela sua homogeneidade se impõem à consideração dos seus adversários, devido aos esforços do S. U. Mobiliário de Lisboa vai reunir o I Congresso Corporativo, de onde sairá, certamente, a sua Federação, que amanhã irá preencher uma lacuna dentro da C. G. T.

A comissão organizadora, na reunião que ontem efectuou, constatou o indiscutível entusiasmo que lavra entre os organismos aderentes que estão ultimando os seus trabalhos, afim dos seus delegados estarem em Coimbra na data aprazada.

Apreciou ainda vária correspondência referente ao Congresso, e resolveu reunir no próximo domingo, às 15 horas, para apreciar os seus últimos trabalhos.

AMANHÃ:

Artigo de Hamon

Unidade e União

Os sem trabalho

Uma das consequências mais funestas da guerra

PARIS, 23. — O problema dos sem emprego é grave em todo o mundo. Por toda a parte se fizeram grandes «stocks» de produção, esperando a continuação da guerra. Esses «stocks» agora não se podem vender.

Durante a guerra em todos os países se viveu artificialmente, todos os governos puderam aumentar enormemente a circulação fiduciária inconvertível e sob pretexto da segurança nacional o governo fugiu em todos os países da alçada de Berlim. Assim a vida de todas as nações sob o aspecto dos desempregados, como sob outros, tornou-se mais dura. O aumento do serviço militar em todos os países desenvolveu o espírito reaccionário. — Rádio.

A paz por arames

Uma afirmação de Lloyd George

LONDRES, 23. — Lloyd George no «lunch» dado aos Comuns aos delegados do império a primeira assembleia da Liga das Nações, depois de ter louvado as realizações da Liga especialmente no que diz respeito aos trabalhos da repartição de trabalho e do tribunal de justiça internacional, disse que não podia haver paz no mundo se continuasse a haver competição nos armamentos. — Rádio.

A primeira feira de Lisboa

A reunião que estava marcada para hoje, na rua do Carmo, 90, 2.º, às 21 horas, ficou transferida para a próxima segunda-feira, 27, no mesmo local e à mesma hora, com a mesma ordem de trabalhos.

